ANISIO JOBIM

Da Academia Amazonense de Letras, do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, socio correspondente do Instituto Historico de Alagoas e do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

PANORAMAS AMAZONICOS

II-CODAJÁS

1934

TYPOGRAPHIA PHENIX
DE
SERGIO CARDOSO

Rua Joaquim Sarmento N. 12

MANAUS-AMAZONAS

Am
1.13
52p

Ao illustre historiographo e jornalista, Dr. Arthur C. Ferreira Reis —

Com a velha estima e admiração

Nicio Jabim

Manaus, 3 - XII
1934.

Do Autor:

PANORAMAS AMAZONICOS — COARY, Imprensa Publica, Manaus, 1933.

MANACAPURÚ — Separata do volume II da *Revista do Instituto Geographico e Historico do Amazonas*. Typographia Phenix, 1933.

ANISIO JOBIM

Da Academia Amazonense de Letras, do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, socio correspondente do Instituto Historico de Alagoas e do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

PANORAMAS AMAZONICOS

II-CODAJÁS

1934

TYPOGRAPHIA PHENIX

DE

SERGIO CARDOSO

Rua Joaquim Sarmento N. 12

MANAUS-AMAZONAS

Am 981.13 J62p

Biblioteca Arthur Reis
Registro: 3297
Data: 09.05.02.

PANORAMAS AMAZONICOS

CODAJÁS

I — Superficie.—Limites.

O Municipio de Codajás mede de superficie 19.714 kms. quadrados. Limita-se ao N. com os Municipios de Manaus, Moura e Coary; a L. com Manaus e Manacapurú; ao S. com este Municipio e a O. com o de Coary. A linha divisoria com este ultimo é a seguinte: pela margem esquerda do Solimões, o furo do Cleto, e pela direita, o furo do Burrinho; pelo Codajás-miri, a bôcca do Sumauma, que fica abaixo da bôcca do Piuriny, e a parte fronteira á mesma. Os lagos Trocary, Genipapo, Uruá e adjacencias, da margem esquerda do Solimões, fazem parte do districto de Coary, e bem assim os lagos Camará, Salsa e Burrinho, da margem opposta.

Os limites com Manacapurú são os que se seguem: pela margem esquerda, (do Solimões), o igarapé do Cuia, os lagos Arara e Campinas; pela margem direita, o rio Purús e os lagos Estopa, Canta-Gallo e Ipixuna.

Devido á confusão que reina entre muitos municipios do Amazonas, em relação aos seus limites, imprecisos e mal traçados, o Governo do Estado (dr. Waldemar Pedrosa, Secretario Geral, no exercicio da Interventoria Federal) baixou o Acto n. 1.689, de 12 de Agôsto de 1932, nomeando uma commissão composta do capitão de mar e guerra Braz Dias de Aguiar, como presidente, capitão Alfredo Luna, dos professores Agnello Bittencourt, Alberto de Aguiar Corrêa e do chefe de secção da Secre-

taria Geral do Estado Raymundo Paes de Andrade Oliveira, para proceder aos estudos da nova fixação de limites dos municipios do Amazonas. Para fazer parte dessa commissão foi nomeado por Acto n. 1.781, de 10 de Outubro de 1932, o bacharel Arthur Cesar Ferreira Reis, secretario do Instituto Geographico e Historico do Amazonas.

Essa commissão apresentou o resultado dos seus trabalhos, que foram approvados pelo Acto n. 2.220, de 10 de Maio de 1933.

Por esta lei os limites do Municipio de Codajás ficaram assim estabelecidos: «Ao Norte — O divisor que separa as aguas que vão para os rios Negro e Manacapurú das que se lançam no Piuriny, Badajós e Solimões e depois o divisor Manacapurú—Anamã, desde as cabeceiras do Arumã até o ponto mais proximo do furo do Cuia. Uma linha ligando esse divisor ao referido furo.

Ã Leste — O furo do Cuia desde o ponto em que se liga áquelle divisor até sua bôcca na margem esquerda do Solimões. O rio Solimões, desde a foz do furo do Cuia, até a do rio Purús, na sua margem direita. O rio Purús desde sua foz até a confluencia do Paraná do Cuiuanan.

Ao Sul — O paraná do Cuiuanan, desde sua foz no Purús, até a bôcca do paraná Pixuna ou Jurará. Este paraná até a bôcca do Paraná do Salsa. O paraná do Salsa até a bôcca do furo do Geraldo. Este furo até sua bôcca na margem direita do rio Solimões. O rio Solimões, desde a bôcca do furo do Geraldo até a bôcca do paraná do Copeá.

A Oéste — O paraná do Copéa, desde sua confluência com o rio Solimões até a bôcca do Codajás-miri. Este paraná, desde o Copeá até o lago Piuriny. Este lago até a embocadura do rio Piuriny. O rio Piuriny, desde sua foz até a do rio Arumã. Este rio até sua nascente. Uma linha ligando esta nascente ao divisor que separa as aguas da bacia do rio Negro, das que vão para o Piuriny e Badajós».

Esta nova fixação de limites, porém, não está em vigor. Por ella, o Municipio de Coary soffre uma grande diminuição no seu territorio. O Acto n. 2.825, de 20 de Dezembro de 1933, prorogou, até ulterior deliberação, o prazo marcado pelo acto n. 2.319, de 6 de Julho dêsse anno, para a execução do decreto, que approvou a revisão dos limites dos municipios.

II — Esbôço historico.

O nome antigo do Municipio, transmittido pelos mais vetustos documentos, era Cudaiá, por corrupção Codajás, como se escreve hoje.

Os lagos que desagúam na margem direita do canal de Codajás eram, anteriormente a 1.768, habitados pelos indios da nação Uaiupi, que se aggregaram ao logar de Alvelos, achando-se em Paratary.

Naquelle anno estavam occupados pelo gentio Mura.

Quasi um seculo depois, constituia Codajás um ponto preferido pelos mariscadores, que ahi se reuniam, no verão, para fazerem a salga do pirarucú (*Vastres gigas*), manipularem banha de peixe-boi (Manatus americanus) e para a pesca da tartaruga, de que se fabricava excellente manteiga, objecto de grande especulação naquelle tempo.

Em 1864 chegou a Codajás o coronel José Manoel da Rocha Thury, acompanhado de um seu irmão, o qual se destinava a explorar o rio Purús e o lago Codajás, famoso por suas riquezas.

Alli se localizou Rocha Thury, fundando estabelecimen-
os tos e abrindo campos de creação. Situou cêrca de tresentas cabeças de gado vaccum e cavallar.

Secundando os seus esforços, o coronel Joaquim Caetano Falcão Baraúna attraiu para o local algumas centenas de moradores, provindos da antiga Villa Bella da Imperatriz.

Codajás começou então lentamente a florescer. De porto de escala, que era, dos vapores da Companhia Commercio e Navegação do Amazonas, passou á freguezia, em 30 de Junho de 1868, e em 1874 (1) era elevada á categoria de villa, com a denominação de Villa de Codajás.

Deve, pois, ser considerado seu fundador o benemerito coronel José Manoel da Rocha Thury, incançavel em fomentar o seu progresso. O nome deste homem, porém, vive apagado. A geração de hoje não lhe tributa as homenagens a que tem direito incontestavel.

Em 1878, houve uma tentativa da mudança do nome Codajás para Solimões. O motivo allegado era o da moralidade, segundo expunha o deputado provincial Estevam José Bezerra, auctor do projecto de alteração do nome. O preopinante mostrava a conveniencia da substituição do termo Codajás, para se evitar a cacophonia, que resulta da pronuncia da primeira syllaba. «Se propuz, dizia elle, a mudança da palavra Cudajás para Solimões foi no intuito de dar a essa localidade o nome do majestoso rio do valle do Amazonas, em cujas margens está situada.» E não podendo recalcar o seu aborrecimento pelos risos que despertou, disse: «Vejo, porém, que se quer lançar uma especie de ridiculo sobre esta minha proposição.»

O projecto foi repellido, porque, conforme observou o deputado Miranda Leão, «se andassemos a expurgar cacophatos da nomenclatura das localidades, destacando intencionalmente as syllabas, teriamos de fazer uma revolução completa na carta geographica, tornar desconhecidos logares, aliás muito notaveis por seus nomes tradicionaes.»

A nossa carta geographica, ponderava Miranda, assignala como um dos maiores lagos o de Cudaiá, que deu origem á fórma Codajás. Mudado para Solimões cahirá em completo esquecimento a tradição e a proveniencia daquella denomi-

(1) Lei n.º 287, de 1.º de Maio.

nação. Teriamos, além disso, Solimões demais; ficaria então villa do Solimões, freguezia do Solimões, comarca do Solimões, no rio Solimões.

Os argumentos persuasivos calaram no animo dos deputados, e foi negada aprovação ao projecto. (1)

A villa inaugurou-se solennemente a 5 de Agosto de 1875, com a presença dos camaristas de Manaus José Justiniano Braule Pinto e major Alvaro Botelho da Cunha, depois de devidamente approvada pelo poder competente, a eleição dos candidatos votados para compôr a nova Camara.

Ficava assim o territorio de Codajás constituido em municipio, o que era um grande passo para o seu desenvolvimento. Codajás era séde da 6.ª secção do Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, com duas companhias, sendo commandante geral o major José Manoel da Rocha Thury e commandante da 2.ª companhia Claudio Correia da Costa. Era tenente aggregado Joaquim Cavalcante Falcão Baraúna.

Em 16 de Fevereiro de 1890, a Camara Municipal assegurava ao governo o seu inteiro apoio á proclamação da Republica, cuja noticia foi acolhida pela população de Codajás com uma grande vibração de enthusiasmo.

Dissolvida a Camara pelo Decreto n. 34, de 22 de Fevereiro desse anno, foi creada uma Intendencia Municipal, sendo nomeado superintendente o cidadão Alfredo Fernandes de Sá Antunes.

Veio depois a creação do termo judiciario (10 de Abril de 1891), que a lei mandava annexar ao Municipio de Coary.

Em 1877, o deputado José Justiniano Braule Pinto apresentou á consideração de seus pares um projecto de lei, estabelecendo duas comarcas, no Purús e no Madeira.

(1) Annaes da Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas,1878

A comarca do Purús compreendia todo o rio deste nome, e o municipio da villa de Codajás. Esse projecto foi rejeitado.

Em 1911, porém, a aspiração dos codajaenses era satisfeita. A lei n. 682, de 27 de Setembro, erigia Codajás em comarca. Dois annos depois foi extincta, passando a pertencer, ora á comarca de Coary, ora á de Manacapurú, até que em Outubro de 1928 foi restabelecida, para ser novamente supprimida.

III — Divisão em Districtos.

O termo está dividido em quatro districtos judiciarios: Villa, Badajós, Anamã e Anory. (1)

Os limites destes districtos são os seguintes:

Villa — E' limitado ao N. com o districto de Badajós, a partir da povoação do mesmo nome, paraná abaixo, lago e castanhal Acará; a L. com o districto de Anory, pelo paraná do Arananácoara, lago e seringal Murerú, margem esquerda do Solimões; ao S. com o Municipio de Manacapurú, de que é separado pelo lago Estopa e paraná Cassianã, no seu encontro com o rio Purús; a O. com o Municipio de Coary, pela praia do Machado e furo do Burrinho.

Badajós — Limita-se ao N. com os Municipios de Moura e Coary, sendo deste separado pelos paranás Tracoá e Piuriny e lago Tracoá, e daquelle por grandes chavascaes, que se communicam com o Rio Negro; a L. com o Municipio de Manaus e a O. com o districto da Villa.

Anamã — Extrema ao N. com o Municipio de Manaus, a L. com o Municipio de Manacapurú, de que se separa por igapós e pelos lagos Arara e Campinas e furo

(1) O districto de Badajós foi creado pelo decreto n. 481 A. de 11 de Abril de 1901; o de Anamã pelo decreto n. 559, de 21 de Março de 1902; o de Anory pelo Dec. n. 785, de 7 de Junho de 1906.

do Cuia; ao S. com o Municipio de Manacapurú do qual é separado pela margem direita do Solimões e esquerda do Purús, e a O. pelo districto do Anory, de que é separado pelo paranã do Anamã, e seringaes Bacurau, Palhal e Matto Grosso.

Anory — Limita-se ao N. com o districto da Villa ou séde do Municipio; ao S. com o Municipio de Manacapurú, abrangendo as ilhas Ambé, Frota e Cuxuará; a L. com o districto do Anamã e a O. com o districto da Villa, do qual se separa pelo paranã Arananácoara e lago Murerú.

IV — A Villa de Codajás.

Poucos nucleos no Solimões rivalizam em aspecto e belleza bucolica com a modesta e linda villa de Codajás. Occupando uma posição elevada, á margem esquerda do rio, impressiona bem pela sua perspectiva airosa, gentil, alongando-se pelas barreiras argilosas do littoral.

Desfructa um clima excellente, e é sem contestação, uma estancia de repouso, embellezada pelas arvores que ornam as suas ruas e chacaras, de um verdor profundo e admiravelmente seivoso.

Possue ao comprido de suas vias publicas boas casas de campo, algumas de relativo confôrto. Mencionam-se entre os seus edificios o predio elegante onde está installada a Prefeitura, mandado construir na administração do coronel Sobreira de Mendonça, e o mercado de pequenas dimensões, mas dotado de ar e luz sufficientes a estabelecimentos deste genero.

Apresenta a villa uma cuidadosa limpeza em toda a sua parte fronteira ao Solimões, que se estende maravilhosamente largo e rumoroso.

Além dos edificios mencionados, possue a localidade uma pequena egreja, dedicada a N. S. das Graças; um

Posto prophylatico; uma Collectoria estadual; uma Agencia postal; uma Estação radio-telegraphica, varias officinas e casas de commercio.

A renda municipal orça entre 60:000$000 e 70:000$000, annualmente.

V — Povoados.

Anory — Assenta esta povoação sobre um trecho de varzea á margem esquerda do Solimões, ficando muito proximo á bocca do lago, que lhe dá o nome, distante 39 kms. da villa de Codajás.

Em frente ao porto cresce a canarana (*Panicum spectabile*, Nees.), a que se vêm juntar outras plantas aquaticas, como a *Eichhornia azurea*, Kunt; a *Pandeteria rotemdifolia*, L; a *Eichhorria natans*, Solms, formando um enredado difficil de romper. As canôas conseguem attingir o porto com muita difficuldade, sendo necessario abrir caminho a terçado.

Devido a ser muito baixo o terreno da povoação alaga, offerecendo durante o periodo das inundações um espectaculo contristador. A grande maioria das casas, construidas geralmente de madeira, sobre espeques, immerge, apresentando os tectos de zinco fóra dagua. Toda a redondeza do Anory transforma-se por esse tempo num vasto igapó. Mesmo assim, a sua população, com excepção de poucas pessoas, não abandona o logar, passando os dois mezes da alagação nos altos giraus que improvizam em suas casas, a não ser aquellas que a agua invade até um nivel elevado.

Ha dentro do lago uma nesga de terra firme, que abriga muitas chacaras e barracas. O lago é salpicado de ilhotas, com vegetação palustre.

Em certas phases do anno reúnem-se, em toda a extensão do canal e na concha lacustre, capins e outras plantas, que os obstruem, sómente dando passagem ás montarias e igarités.

Pousando nos juncos, nos ramos das oiranas ou nas arvores marginaes, vêm-se a ligeira jaçanã com os seus pés apparelhados para andar sobre os nenuphares, o solitario magoary, as formosas garças niveas a marinhar ariscas, os corta-aguas gritadores e trefegos, os patos selvagens, as marrecas, os socós de pernas longas.

O Anory é abundante de magnificas laranjas, abios, graviolas e de outras excellentes fructas.

O rio tem nesse lanço a sua passagem mais estreita, medindo milha e meia de largura.

Anamã — A povoação está situada na entrada do desaguadouro do lago do mesmo nome. Tem uma vista aprazivel, devido a algumas casas cobertas de telha, que se erguem de um lado e outro, e ha os sitios com pequenos jardins e arvores frondosas.

Ao longo do lago Anamã, sobre os seus barrancos cinzentos mosqueados, vêm-se varias habitações que amenizam a rudeza da paizagem.

A um lado foi construido um engenho de moer canna e fabricar assucar, systema banguê, com uma alta chaminé. A carencia de braços, a falta de téchnicos, a ausencia de capital asphyxiaram essa iniciativa modesta, vindo a falhar aos seus fins em poucos annos de rude labor e perseverança.

Como quasi todos os lagos da bacia amazonica, o Anamã sécca muito.

As aguas turvam-se, carregadas de detrictos. Apparecem febres, que atacam os moradores.

Em tempos idos, o carmelita frei José da Magdalena mudou a missão que estava no Paratary para o riacho Anamã, á sua margem direita.

Essa missão foi mudada para o sitio Guajaratiba e, posteriormente, para o lago de Coary, por frei Mauricio Moreira, da Ordem Carmelitana. Foi esse estabelecimento que deu origem á antiga povoação de Coary.

Badajós — Essa povoação está erecta á margem direita do lago, que tem igual nome.

Já foi importante emporio de gomma elastica, tendo decahido grandemente de sua relativa prosperidade. O florescente desenvolvimento deste povoado deve-se aos esforços do capitão Claudio Correia da Costa. Este operoso negociante, sem medir sacrificios, e sómente pondo em acção a sua influencia, conseguiu dos moradores a construcção de muitas casas e de uma modesta egreja na orla do lago, onde em breve se ostentara uma populosa freguezia.

A fundação de Badajós data de 1880. Foi obra dos amazonenses que negociavam com os indios Muras, no lago Codajás, tendo para lá ido emigrados do Ceará.

Começou por um barracão, que recebeu o nome de Badajós (villa de Espanha), tendo-se perpetuado esta denominação, que se estendeu tambem ao paraná. O lago de Badajós é mais amplo e majestoso do que o do Piuriny. E' alimentado pelos tres rios: o Badajós, a Oéste; o Cunauarú, ao centro, e o Araué, a Este. (1)

O lago de Badajós, que é um dos maiores do territorio, comunica com o do Piuriny e Trocary, e pelo canal Codajás-miri vae dar ao rio Copeá, rio dos Termitas, *cupi*, no municipio de Coary. O seu desaguadouro é o paraná de Badajós.

O acto official de 7 de Junho de 1866 mandou que ficassem pertencendo ao districto policial de Codajás os lagos Trocary e Acará e a margem direita do rio Codajás, desde o lago Trocary até a sua foz.

Essa alteração nos limites dos districtos policiaes de Alvelos (Coary) e Codajás foi determinada, segundo a palavra official, pela commodidade que a nova divisão offerecia aos habitantes desses dois lagos, os quaes se achavam

(1) Padre C. Tastevin, *La Geographie*, ns. 5-6, Mai—Juin, 1929.

mais proximos do districto de Codajás do que de Alvelos. Tal modificação subsistiu até 1876, em que uma portaria do governo fazia voltar os referidos lagos á jurisdicção do districto de Alvelos. O acto do governo suscitou uma representação dos moradores dos sobredictos lagos, que pediam para voltar á jurisdicção do districto de Badajós. A reclamação foi attendida.

A Camara Municipal, ao ter conhecimento do acto do presidente, exprimiu-lhe a sua satisfação, considerando a medida justa, e agradecendo o gesto; porém em 1877 essa resolução era annullada por uma outra.

Os limites deviam ir pela margem esquerda do Solimões até o furo do Trocary, inclusive este lago, e pela margem direita, pelo lago Camará, inclusive o do Salsa. Soffreu depois essa divisão uma modificação, continuando o lago do Trocary a pertencer ao municipio de Coary (1).

A 20 de Agosto de 1882, um abaixo assignado de dezoito habitantes de Badajós, dirigido á Assembléa Legislativa Provincial, pedia a entrada naquelle lago dos vapores da Companhia do Amazonas.

Não obstante a decadencia desse povoado, batido ás vezes por febres de máu caracter, é frequentemente sulcado por lanchas e vapores, especialmente nas épocas de safra da castanha e peixe sêcco.

Segundo o barão de Marajó, *As Regiões Amazonicas*, pag. 222,— Baena considerava o canal Codajás como a mais oriental das oito boccas, que atribuia ao rio Japurá. Baena, que rastreava La Condamine, Ferdinand Denis e Aires do Casal, diz o barão de Marajó, equivocou-se.

Corrigiu esse erro o ouvidor Sampaio, grande geographo, negando a existencia das oito embocaduras ao rio

(1) A lei que regula os limites entre Coary e Codajás é a de n. 32, de 16 de Novembro de 1891.

Japurá. Posteriormente, Araújo e Amazonas e o dr. Severiano da Fonseca verificaram a exactidão da affirmativa de Ribeiro de Sampaio.

Os oito canaes a que se referiam os geographos antigos são o Auati-paraná, o Mayana, o Aranapú, o Parauary ou Jamatarary ou Prego, o Capivara, o Carapanatuba, o Copeá e Badajós.

O Japurá vem se lançar no Solimões, em Tarará, na altura de Teffé.

O Copéa se destaca do Aranapú-Japurá, com o nome de Cubyá (rio do pequeno peixe *Cuby*, um pouco maior do que a sardinha), recebe á esquerda o Pyrantahyma que vem do Curacy, e cerca de 80 klms. abaixo o Capivara, que desce do Solimões. Após um curso preguiçoso de 150 kilometros, suas aguas se tornam negras ao reunir-se ao Tambaqui. Recebe ainda o Carapanatuba (logar abundante de mosquitos), 50 kilometros mais abaixo; uma parte de suas aguas vão engrossar o Piuriny, sob o nome de Codajás-mirim, e desemboca no Solimões, a montante de Coary.

O paraná do Codajás-mirim, extensissimo, pois conta um curso de 150 kilometros, se divide em dois braços: á direita o Dururuá, e á esquerda o Codajás-mirim.

Segundo o padre C. Tastevin, o Dururuá se reune á corrente principal abaixo de Badajós, com o nome de Trocary, que elle toma, ao atravessar o lago do mesmo nome.

O Codajás-mirim recebe as aguas pretas do Piuriny, e vinte leguas mais abaixo, as não menos negras do Badajós, que se chamava outr'ora Codajás. Transformado então num grande rio, elle toma o nome de Badajós, e vae se lançar no Solimões, vinte kilometros acima da villa de Codajás.

Outróra o paraná de Badajós vinha até proximo a Codajas, de que hoje se distancia. O Miuá, que desemboca

actualmente no Solimões, era um dos seus affluentes. Elle tinha á sua direita uma ilha muito povoada, onde se cultivava o cacau. O Solimões destruiu esta ilha com as suas florestas e os seus cacauzeiros.

A antiga bocca do Badajós, a ilha em frente e o paraná que passava á sua direita, transformaram-se no Solimões novo. (1)

Hoje está fóra de dúvida que o canal de Codajás (Badajós) é um escoadouro das aguas das grandes cavidades lacustres em Tefé e Codajás, como ao norte, o Amauá—Uriny, o Tambaqui, o Piuriny, o Badajós, antigo Codajás, e ao sul, o Mura, o Trocary e o Acará.

VI — Rios. Paranás e Igarapés.

A potamographia da região comprehende tres rios, o Badajós, o Cunauarú, correndo ao norte e indo lançar-se no lago Badajós e o Solimões. O Badajós e o Cunauarú são tão longos como o Piuriny.

Sobre o Cunauarú ha falta de estudos e investigações.

Trata-se de uma corrente secundaria na carta hydrographica do Amazonas.

O Solimões corta o territorio de O. a L. com o seu profundo e impetuoso caudal.

A rede de canaes, porém, é muito grande. Do alto, de um avião que voasse sobre Codajás, o espectador experimentaria uma emoção de espanto, vendo riscado o plano da terra verde de uma extensa e profusa anastomose de antennas hydricas, que na terminologia indigena são conhecidas pelos nomes de paranás ou paranamirins. E' um dos aspectos caracteristicos do solo. Os mais notaveis paranamirins são: Badajós, Acará, Carimaanã, Anamã, Flores, Trocuá e Piuriny.

(1) Revista cit. paginas 281 e 297.

Os igarapés estendem-se em todas as direcções, fertilizando as baixadas alluvionicas e os altiplanos da terra firme. Além desses veios daguà, drenam a terra fecunda uma multidão de furos, que communicam por dentro do matto, que se alaga com a enchente, differentes e distantes collecções liquidas.

Contemplando esta maravilhosa rede hydrographica, sentimos quão profundo é o pensamento do grande Zaco Baraldo, citado por Codazzi:

«A terra é uma mãe generosa e os rios são as sãs correntes de saúde que a fazem fecundar».

Estes cursos directa ou indirectamente vão dar ao soberbo e poderoso Solimões, que é o mesmo rio Amazonas, que tem suas origens nos altos platós dos Andes peruanos, na região de La Raya.

O Amazonas e o Orenoco dão-nos o espectaculo estupendo «de dois gigantes, que vão abraçados sobre o seio immenso do planeta».

VII — Lagos.

Dos lagos que enriquecem o solo, citam-se: Acará, Badajós, Jurupary, Anamã, Anory, Canta-Gallo, Arroz, Chico Paulo, Miuá, Joanico, Juma e muitos outros.

Caberia aqui uma descripção destes lagos, estereotypando os afrescos de paizagens, que apresentam. Parece que os que escrevem sobre o Amazonas têm o pensamento preconcebido de exaltar a terra, de focalizar a sua belleza, de accentuar o cunho de extraordinaria emoção que produz no espirito. Póde haver exaggero a respeito de certos aspectos, mas a verdade é que a natureza empolga e fascina. E na caracterização de seus panoramas nem sempre a palavra dá a medida da sublimidade e da grandeza destas vastas regiões selvaticas, onde o artista experimenta todas as sensações do bello e do maravilhoso.

Dentre os lagos têm a primazia pelo seu comprimento e largura, pelas ondulações suaves de suas barreiras, pela perspectiva geral, os lagos Acará e do Badajós, que têm mais de 10 kilometros de largo. Alguma cousa de suggestivo, de surpreendente fere a retina de quem os contempla do alto de suas ribas.

E' um facto que algumas tribus indigenas tributavam adoração a certos lagos, que tinham como morada de determinadas divindades. Segundo Julio Salas, alguns indigenas civilizados ainda conservam restos da antiga idolatria; é muito commum, diz o conspicuo escriptor, o costume que têm os indios que servem de guia ou praticos, de passarem silenciosamente por deante dos lagos, que se encontram em paragens desertas; ás vezes pedem ao viajante a quem servem de não fazer ruido nem gritar «por temor de enojar á la divindad tutelar de las aguas encantadas». (1)

Pelo lago Atiniueni communica-se o Badajós com o rio Unini, que desagua na margem austral do Rio Negro. E por outro lago com um ramo do rio Quiuni, que faz barra na referida margem do Rio Negro.

Explica o padre José Monteiro de Noronha: «Uma e outra communicação não é immediata; porque em qualquer delles mede porção de terra, sendo menor a que intercede o lago Cudaiá, e o ramo do Quiuni, que fica entre o Ateniueni e Unini» (Roteiro).

E' muito interessante o que a respeito destas communicações refere o missionario C. Tastevin, profundo observador dessas paragens, de que nos deu uma descripção magistral.

Falando do rio Piuriny, diz que, muito acima de seu curso, elle se divide em dois braços: um vindo do Norte, e o outro, o principal, de Oeste—nordeste. Tem sido feitas

(1) *Etnologia e Historia de Tierra-Firme (Venezuela y Colombia).*

varias tentativas de remontar ás cabeceiras do rio Piuriny, porém ninguem jamais alli chegou. Os mais bravos, após fatigantes esforços, têm recuado cheios de pavor.

Com effeito, em vez de diminuir de volume, de se tornar raso, o Piuriny se alarga. As aguas negras se espalham numa depressão povoada de palmeiras, de bambús espinhosos, de patauás, miritys e marajás. A imaginação popular, baseada em certos factos, enche estas regiões inhospitas de serpentes monstruosas, attingindo a dimensões gigantescas. E' lá que vive o Mapinguary e o *bicho do fundo* (o animal das profundezas aquaticas) meio tapir, meio jaguar.

O ramo do norte vem, parece, das vertentes do rio Unini, affluente do Rio Negro. Os seringueiros do alto tem subido o Unini em procura de castanha e da borracha. Trabalhadores do rio Jahú, outro affluente do Negro, abaixo do Unini, appareciam no Badajós.

E' certo, accrescenta o illustre missionario, que no estado actual das cousas, não se poderia passar em canôa do Piuriny ao Unini, nem do Badajós ao Jahú, mas é possivel que todos estes cursos dagua tenham sua fonte ou nascença numa grande depressão, abundantissima de palmeiras aquaticas, de bambús, de caniços e de uma enorme variedade de plantas de brejos. (1)

Por meio de furos, o lago Anory se communica com o Anamã, e este, em época de enchente, com o Lago Grande de Manacapurú. Os lagos têm agua preta como quasi todos os seus importantes paranás, sendo uns e outros muito abundantes de peixe e tartaruga.

VIII — Ilhas.

As principaes ilhas são: Jurupary, Flores, Fazenda, Rato, Ambé, Santo Thomé e Sapiá.

(1) Revista cit.

Flores fica á margem do Paraná seu homonymo, muito navegado. Em determinado ponto desta ilha vê-se uma casa baixa, coberta de telhas, com um jardim, onde se ostentam algumas palmeiras tristes, devastado pelas cheias. Em torno, um campo onde crescem o juqueri, o matapasto e o andréquicé. Algumas reboladas de canarana erguem as hastes esbeltas e flexiveis á beira dagua. Bois magros divagam pelo campo, quebrando a monotonia do ambiente com os seus mugidos longos.

Da ilha Sapiá, diz o major Francisco d'Artagnan Carneiro: «Com 30 kms. de comprimento sobre 24 de largura, encerra quasi 90 lagos».

IX — Producção. Industria e Commercio.

A producção que mais avulta é a da borracha e da castanha. As regiões do Badajós, Acará e Anory e os terrenos centraes, onde se emmoldura o lago Anamã, são exuberantes de hevea. Entre as seringueiras nota-se a Euphorbiacea, vulgarmente conhecida pelo nome Tapuruense. Vegetam igualmente nas terras firmes em grande quantidade os castanheiros (*Bertholetia excelsa*)

A exportação da borracha fina, em 1926, foi de 275.484., sernamby, 37.932 ks. No anno de 1928 exportou: borracha fina 108.266; sernamby 10.932, caucho, 13 ks.

O movimento de exportação de castanha foi: em 1926, 10.940 hectolitros; no anno de 1928, 7.134 hects.

Produz tambem balata inferior, sendo pouco apreciavel a sua quantidade.

Vêm depois as industrias de madeira, peixe sêcco (pirarucú, tambaqui), do cacau, de couros e outras.

O rincão codajaense possue uma variada e admiravel collecção de madeiras preciosas, que se destinam a diversos fins.

O peixe sêcco entra como um grande factor na sua

economia. O pirarucú, copioso em todos os lagos, é exportado em mantas depois de seccar ao sol. O processo de beneficiamento ainda se atém aos rudes moldes primitivos. A sua exportação, em 1926, attingiu a elevada cifra de 164.093 ks., em 1928 verifica-se um indice mais baixo. A producção foi de 89.133 ks.

Tres feitorias importantes são as do logar Recreio, Umary e Pavão, no paraná do Acará.

A producção do cacau é muita reduzida, si bem que a terra tenha magnificas disposições para a intensificação do Theobroma.

Codajás exporta lindos e exquisitos couros de jaguar, lontra, veado e couros de boi.

Ha uma pequena industria, de que não é possivel deixar de fazer ligeira referencia — a do embalsamamento e preparo de aves e passaros. Encarrega-se deste serviço o Snr. Angelo Bracci, italiano, residente ha muitos annos em Codajás. Este habil artista prepara com um acabamento perfeito aves e passaros, que ostentam a lindeza de suas vestimentas variadissimas.

Outras manifestações industriaes procuram romper a crosta da indifferença e expandir-se.

A agricultura vae tomando regular incremento, notando-se plantações de mandioca, milho, feijão, batatas, canna de assucar.

O commercio é feito com a praça de Manaus. Os vapores que sobem o Solimões costumam atracar em vários pontos do Municipio.

X — Reino vegetal.

Seria este o capitulo mais suggestivo e difficil, se fossemos descrever circumstanciadamente a riqueza das florestas de Codajás, quer da terra firme, quer das varzeas. A vastidão dos terrenos alluviaes do Amazonas e seus affluentes, como

nota J. Huber, é tal que «sob o manto da vegetação luxuriante quasi não apparece, difficultando o reconhecimento de sua extensão e dos seus limites exactos. «Em grandes extensões, continúa o sabio naturalista, «a chamada terra firme não parece ser outra cousa senão uma superficie de alluviões fluviaes pouco mais antigas, agora fóra do alcance das inundações e modificada pela erosão subsequente». (1)

Tanto na varzea como na terra firme as mattas são alterosas; as florestas, porém, das varzeas estão sujeitas aos frequentes desabamentos de terra, devido ás correntes dos rios. O naturalista citado diz que essas correntes «fazem desapparecer florestas inteiras, chegadas á maturidade de sua organização», embora appareçam novas especies invasoras e sociaes, ao passo que na terra firme não se dá o mesmo phenomeno. A matta «existindo desde tempos immemoriaes, renova-se apenas em seus individuos isolados, cujo logar, disputado por um numero consideravel de plantas que por assim dizer já esperavam a occasião para subir á luz, fica rapidamente occupado».

As florestas do alto, que se pronunciam pelo verdor escuro, olivacio de sua folhagem, estão em parte desbravadas pelos seringueiros que por ellas se mettiam, levados pelo desejo de descobrirem seringaes virgens.

Outro intento não têm os actuaes collectores de castanhas, que, rumando pelas ondulações das camadas quaternarias, vão descobrir as afamadas arvores productoras dessas privilegiadas amendoas. Assim tem-se descoberto essencias preciosas no labyrintho da selva gigantesca, onde typos de arvores attingem alturas de 30, 40 e mais metros. Tendo em vista a vegetação que caracteriza as florestas do Soli-

(1) Boletim do Museu Goeldi, vol. VI, 1910.

mões, essa região póde-se gabar de uma inflorescencia dionysiaca. Ahi estão representados os mais legitimos e soberbos espécimens, que a industria precisa para a fabricação de objectos diversos, como esteios, taboas, pernas-mancas, linhas, caibros, portaes, janellas, moveis e embarcações.

As plantas odoriferas são multiplas, desde a cheirosa baunilha, que se enrosca pelas arvores, a peripioca, que as mamelucas usam para aromatizar o cabello e o corpo, até o trescalante cumarú.

Ao lado de representantes de lenho rijo, de tecido assetinado e de alburno de varias cores, recommendaveis para differentes utensilios, estão os cipós diversos. Na classe destes enumeram-se, além de muitos outros, os conhecidos pelos nomes de mucunan, timbó, escada de jaboty, cipó dagua, cipó de cruz, curimbó.

Breu, almecega, resinas, leite, oleos, gomma, extrahem-se deste reservatorio immenso.

Uma collecção de palmeiras desafia a attenção do botanico. Ellas erguem-se na artistica disposição de suas palmas, de suas cannas flexiveis, ora nos terrenos baixos, alcançados pelas cheias, ora pelos firmes, traduzindo o seu *habitat*

Em materia de fibras, possue a floresta excellentes representantes. O turury, o castanheiro, o mirity, o astrocarium tucumã e muitos outros fornecem peciolos e fios de precioso valor.

Os apuís e as clusias são da grande familia das epifitas os mais notaveis typos. «Ambas estas fórmas, escreve o conhecido naturalista J. Huber, são verdadeiras epifitas só no principio, pondo-se no curso de seu desenvolvimento em contacto com o solo por meio de raizes aereas possantes, que tomam muitas vezes o aspecto e a funcção de verdadeiros troncos. Biologicamente falando,

pode-se dizer que nestas plantas, ao envez do que se dá nos cipós, o tronco cresce de cima para baixo, da copa para o solo».

Em toda a região ha muito bôas fructas. Nos quintaes das casas frondejam mangueiras, laranjeiras, abieiros, abacateiros, jaqueiras, bananeiras, assahyzeiros, bacabeiras, etc.

No pequeno mercado da villa apparecem mamões, ananazes, bananas, melancias, melões, beribás, cupús, limas, tangerinas. No lago do Anory encontram-se com abundancia saborosas laranjas.

Ao longo dos paranás-mirins, nas orlas dos lagos, rios e igarapés vicejam moutas de assahyzeiros, burityzeiros, bacabeiras e outras palmaceas, fornecedoras de fino oleo com que se preparam os vinhos.

Em certas zonas das mattas acham-se em estado sylvestres bacuryzeiros, sorveiras, piquiazeiros, arvores de uchy, de taperebá, de piquiá e de varios outros fructos.

Dão admiravelmente em seu solo pimentas, hortelã, pepinos, vagens, agriões, rabanetes, tomates, maxixes, quiabos, cebolinhas, etc.

Encontram-se nas chacaras e casas dos sitios pequenos jardins. O habitante do Amazonas gosta immenso de jardins. Quasi sempre em frente a uma barraca, se o terreno é inundavel, vê-se uma especie de jardim aereo sobre um girau de estacas, onde repousam panellas velhas com mangiricão, latas com cravina, cacos com perpetuas rôxas e outros exemplares da nossa flora. Nos terrenos altos o jardim situado ao lado ou em frente a habitação, é resguardado por uma unida cerca de varas. Ahi florescem com deslumbramento de seiva trepadeiras, jasmins, cosmos, gardenias, ou o nosso lindo e immaculado general, rosas, dracenas, junquilhos, sempre-vivas, cravinas, candelabros, papoulas. As orchideas guardam caprichosos matizes e as mais seductoras fórmas.

XI — Fauna.

Não menos rica é a fauna do municipio. A onça vermelha, a malhada e a preta, a anta, a capivara, a queixada, o caetetú, o veado, a lontra, o guaxinin, a cotia, a paca, e varios outros animaes acoitam-se nas tocas, entre os bambuaes e as tabocas, nos troncos carcomidos, nos emmaranhados das selvas, em buracos e sobre os galhos dos paus.

A ave-fauna esplende nas suas roupagens luminosas, na irisação das pennas, nos typos mais exquisitos e mais bellos. Os pica-paus trabalhadores, as corujas feias, os periquitos voseantes, os papagaios gritadores, os tucanos vistosos, os japiins flamantes, os delicados pavõesinhos da matta, os mutuns, as ciganas e outros representantes alados, enchem de sonoridades, de cantos, de guaxos e de pipilos as clareiras e os bosques, os campos e as selvas, as varzeas e os accidentes altos das terras. Vêm-se o azulão, os tangurús, o jacamim, os jacutingas, os japós, os urumutuns, os marrecões, muitos dos quaes o habitante cria com extremos de carinho, e são os chamados cherimbabos, nome que se applica tambem a outros animaes doceis de amançar e fazer parte da vida domestica.

Entre os espécimens de sua riquissima fauna occupam logar proeminente os peixes. Uma enorme variedade delles fornece alimento á população. O pirarucú e o tambaqui secco, o peixe-boi de salmoura e em mixira, são objectos de grande commercio. Entre os pescados saborosos encontram-se sardinhas, matrinchão, pacú, curimatá, tucunarés, pescadas.

A tartaruga requer uma noticia especial.

Possuindo Codajás algumas praias que ficam desnudas na vasante, a viração e a colheita de tartarugas nessas praias era extraordinaria outróra. Porém a perseguição desenvolvida contra estes animaes, não respeitando nem os boiadouros, a apanha das tartaruguinhas, a extracção dos

ovos, a sua pesca, lançando-se mão dos meios mais reprovados, determinaram um alarmante decrescimento da especie. Em Codajás, como em todos os outros municipios do Estado, é notoria a escassez do chelonio, cuja caça fica mais difficil de anno para anno. A especie é de tal modo combatida em todo o Amazonas, que assistimos a uma louca dissipação de uma das nossas maiores riquezas. Vandalicos e imprevidentes, os caçadores de tartarugas lançam mão para apprehendel-as dos processos mais condemnaveis, entre os quaes o conhecido no interior do Estado pelo nome de batição.

A tartaruga é magnifica como alimento, prestando-se a uma diversidade de preparações culinarias. A sua banha é sadia e de optima qualidade, sendo largamente usada; a sua mixira não menos succulenta.

Os indigenas aproveitavam o casco da tartaruga para, calcinado, mistural-o com o barro com que fabricavam as suas louças.

«Leiam-se, diz o dr. Emilio Goeldi, as descripções de viagens de Martius, Bates e Keller-Leuzinger para comprehender quão pobre sem este animal seria o habitante do Amazonas».

O mesmo scientista põe em evidencia a capacidade de resistencia da tartaruga. E' animal que custa a morrer, supportando os mais tremendos golpes. «As mais terriveis mutilações, disse o eminente escriptor, que matariam instantaneamente um vertebrado superior, aguenta a sua constituição robusta.»

As tartarugas (Podocnemis expansa) têm o coito nagua, procurando as praias nos mezes de verão, especialmente nos mezes de Setembro a Novembro, para a postura dos ovos em buracos, que cavam com as patas, na areia. As vezes as praias coalham-se desses animaes, que se occupam em abrir as covas de quatro e cinco palmos, che-

gando até mesmo a enterrarem umas ás outras. Aproveitam a noite até alta madrugada para este serviço. A postura varia de 60 a 120 ovos, que têm uma pelle revestida de uma tenue crosta calcarea, os quaes debaixo da areia soffrem a acção do calor solar para a germinação. Apenas quebrada a casca, rompidos os ovos, as tartaruguinhas procuram logo a agua mais proxima. E' exactamente durante esse tempo que se fazem as viragões, o que consiste em collocar a tartaruga de peito para o ar, impossibilitando-a de fugir. Essa operação degenerou em inqualificavel abuso. Os animaes eram pegados a torto e a direito, e lá ficavam ao sol nas praias, onde morriam e apodreciam por não ser possivel conduzil-as para logar sombrio ou recolhel-as aos curraes.

A fabricação de manteiga de tartaruga, de que já se fez um largo commercio, era motivo para a devastação. Basta dizer que no anno de 1779 a exportação da manteiga, unicamente do Alto Amazonas, segundo Silva Coutinho, importava em 192.000 libras. Equivalia isto a um exterminio de 24 milhões de tartarugas.

Felizmente já não se faz essa preparação senão muito limitadamente para tempero, e não para illuminação publica e particular e usos culinarios, como nos tempos da Capitania e mesmo em época posterior.

O dr. J. M. da Silva Coutinho escreveu, em 1868, um substancioso trabalho, intitulado *Sobre as tartarugas do Amazonas*, que teve a honra de ser vertido para o allemão pelo competente e saudoso dr. Emilio Goeldi. Este naturalista informa que o notavel e interessante trabalho de Silva Coutinho, grande conhecedor da natureza amazonica, tinha sido anteriormente traduzido para o francez, devido a iniciativa de A. Duméril, em Paris, sendo a traducção de Augustin Delondre. Está publicado esse estudo que o dr.

Goeldi intercalou num monumental artigo sobre Chelonios no Brasil, no n. 4, Vol. IV, Março, 1906, do *Boletim do Museu Goeldi.*

A *Podocnemis expansa* é pescada ou caçada de differentes modos, por meio de arpão, rede, jatecá e flecha, a que chamam sararaca.

Os naturaes, principalmente descendentes de indios, conhecem os habitos das tartarugas, os logares que ellas preferem, conforme a oscillação das aguas. Durante o inverno a tartaruga procura os lagos atraz das pevides, que lhes servem de alimento, como os caroços das palmeiras Arati, de certo louro, das sementes da planta caimbé e do camury. Ao longo dos paranás e das margens dos rios encontram os fructos da muiratinga e do arapary, só se alimentando de carne quando não encontra nenhum vegetal do seu agrado. Até Julho (maior força da enchente) ellas habitam as lagunas tranquillas, os igapós (matto alagado) e igarapés, de preferencia. Nos igapós ellas têm todas as probabilidades de acharem as pevides, de que gostam. Quasi sempre a tartaruga vive no fundo das camadas liquidas nas proximidades do tronco immergido, vindo uma ou outra vez á superficie respirar. Sabedor desse costume, o caçador penetra no igapó, onde é difficil distinguil-as, devido a meia sombra existente, e encontrando o vegetal, põe-se no tronco, que fica debaixo dagua, longas horas, imitando a queda do fructo, o arpão na mão direita.

Em dado momento vibra o certeiro golpe, quando a tartaruga apparece á tona, ou mexe-se nas proximidades da superficie, o que o mariscador conhece por umas bolhazinhas de ar que correm á flor dagua, produzidas pela respiração do animal.

Nos igarapés usam tambem do arpão e do jatecá.

Com a vasante as tartarugas, sentindo a diminuição do volume dagua, sahem dos lagos e igapós para os rios.

Nessas viagens costumam tomar uma direcção contraria á correnteza. Chamam os naturaes a este itinerario «arribação de tartarugas». Vão em procura dos boiadouros, vizinhos aos baixios arenosos.

XII — Clima e salubridade.

O clima é quente e humido. As estações, como em todo o Amazonas, caracterizam-se pelas chuvas abundantes — inverno, e pela estação calmosa — verão. O inverno principia em Novembro, estendendo-se até fins de Junho, começando dahi por diante o verão até áquelle mez.

A enchente maxima verifica-se em Maio e Junho, em que a cota dagua attinge o seu maior indice.

No verão as chuvas são mais espaçadas, acompanhadas ordinariamente de um trepidante ribombar de trovões, relampagos e faiscas electricas. Setembro e Outubro, que são os mezes de calor mais intenso, assignalam fortissimos temporaes.

A temperatura varía entre 27º e 36º á sombra, baixando a 20º durante os quatro dias de friagem, que cae todos os annos, de fins de Junho a principio de Julho.

A região é constantemente refrescada por ventos, que sopram de N. E. S. e S. E.

Ás vezes pezada neblina cobre o espelho das aguas, obstruindo a navegação á noite, e encapota os valles, adelgaçando-se pelos cimos das florestas.

O solo, cortado de correntes, e pantanoso em muitos logares, é favoravel ao desenvolvimento de larvas de anofelinos e outros mosquitos. Nas regiões do Anamã e Badajós desenvolvem-se, principalmente na época da vasante, febres paludicas, observando-se alguns casos de fórma grave. No lago de Badajós, diz o dr. Hermenegildo de Cam-

pos, «os obitos são occasionados pelo beriberi, pela polinevrite e pelo impaludismo grave.» (1)

Geralmente falando, o clima é benigno.

A villa de Codajás, sobretudo, recommenda-se pelos seus ares saluberrimos.

XIII – População.

A população é composta, na sua generalidade, de elementos mestiços de indios cruzados com brancos e do cruzamento destes com o preto.

Todavia convem ponderar que o sangue africano pouca contribuição presta a este amalgama éthnico. O factor preponderante é o indigena, que se denuncia pelos caracteristicos physicos dos nossos avós autoctones. Mesclando este contingente ethnographico, ha um grande numero de brancos, que constitue a nata, a élite do logar. Estes são emigrados de varios Estados brasileiros. Encontram-se em Codajás portuguezes, italianos, hespanhoes, syrios e hebraicos.

Conta a villa 131 fogos com cerca de 900 habitantes. A população do termo é de 8.000 habitantes.

A previsão do capitão-tenente da Armada Lourenço de Araujo e Amazonas, em 1852, dizendo que Codajás offerecia «muito apta situação para uma povoação, não só porque, interpondo-se entre Manáos e Coary quebrava a monotonia que encontrava o viajante em tão grande e penosa distancia, como pelas proporções que offerece e fertilidade de suas margens», realizou-se. Naquelle tempo nenhum indicio de povoado existia, senão um ou outro sitio isolado. No emtanto hoje a monotonia a que se referia o auctor do *Diccionario Topographico, Historico e Descriptivo*

(1) *Climatologia Medica do Estado do Amazonas*, 2.ª edição, 1910.

da Comarca do Alto Amazonas, é interrompida pela aprazivel e esplendida paizagem que o seu casario apresenta em meio a pompa verdejante da floresta tropical.

XIV— Religião.

A população em geral professa a religião catholica, sendo reduzido o grupo de adeptos do protestantismo.

Não nos referimos aos abusões e superstições reinantes, muito communs no interior do Amazonas. O sentimento catholico, todavia, para muitos ainda está misturado de uma sorte de paganismo, que a hereditariedade transmittiu e a educação mal dirigida vem mantendo nas festividades que se realizam nos sitios ao estrondear dos tiros na amplidão.

E' padroeira de Codajás N. S. das Graças, que derrama o fulgor divino de sua bondade e pulchritude sobre esta região fertilissima.

A data da creação civil da parochia é de 30 de Junho de 1868. Em relatorio desse anno, firmado pelo então presidente da Provincia coronel Leandro Ferreira Marques, lê-se: «Tambem acho conveniente que sejam ajudados os bons desejos dos habitantes da nascente, mas prospera freguezia de Codajás. Alli existe em construcção uma bôa egreja a custa de alguns fieis, tendo como director o benemerito cidadão José Manoel da Rocha Thury, que tem feito enormes sacrificios para augmento e prosperidade daquella localidade». A 4 de Abril de 1869 o illustre presidente tenente-coronel João Wilkens de Mattos assim se exprimia a respeito da egreja de Codajás: «Não devo, porém, deixar de tecer os elogios, que são devidos aos habitantes da florescente povoação de Codajás, fundada á margem esquerda do Solimões, a 60 leguas de distancia desta capital, pelos esforços que empregaram, animados pelo abastado nego-

ciante José Manoel da Rocha Thury, para edificarem, como já se acha edificada, uma excellente egreja, sem o menor auxilio dos cofres publicos.»

O preclaro administrador da Provincia, indo ao encontro da vontade dos habitantes, não duvidou de mandar pagar pelos cofres da Provincia 8.800 telhas, com que foi coberta a dicta egreja.

A freguezia de Codajás foi instituida e erigida canonicamente a 26 de Outubro de 1870, sendo nomeado para exercer interinamente o cargo de vigario o revdm. padre João Monteiro da Cunha. A razão de não ter sido instituida logo foi não estar acabada a egreja. Em 1872 o presidente da Provincia, tomando em consideração o estado de adeantamento em que se achava o templo desta freguezia, nomeou uma commissão composta do padre João Monteiro da Costa, major José Manoel da Rocha Thury e capitão José da Silva Simões para cuidar de sua conclusão.

Ao ter o presidente da Provincia communicação do provisor, governador do bispado, de que fôra erecta a freguezia de N. S. das Graças, expediu ordem ao 1.º juiz de paz da parochia da capital para que procedesse á qualificação de votantes, afim de poderem realizar-se as eleições primarias de juizes de paz e eleitores.

XV — Instrucção.

Em Codajás não existe instituto de ensino secundario, nem de artes e officios. A infancia codajaense recebe instrucção elementar nas escolas publicas de primeiras letras.

São providos de escolas a villa e os povoados. Algumas, creadas pela edilidade, não funccionam. A matricula escolar accusa uma frequencia media de 280 a 300 alumnos.

XVI — Vias de communicação. Possibilidades economicas.

A villa de Codajás fica em uma posição muito bôa, a 34,25 cs. acima do nivel do rio, não é alcançada pela inundação senão em alguns pontos mais baixos do perimetro urbano, sem encommodo maior ou prejuizo aos moradores. Está a 2 horas de viagem a vapor do paraná-mirim de Badajós, que dá accesso aos grandes lagos do Acará, Badajós, Trocary e Piuriny, estes dois ultimos pertencentes ao municipio de Coary, alcançando-se Badajós acima a corrente do Cunuauarú, por onde os indios Muras costumavam subir, através de furos e pequena varação por terra, para tomarem o tortuosissimo Unini, pelo qual desciam, numa longura immensa, afim de assaltar as povoações de Mirapinima, Ayrão e Moura, no Rio Negro. Pelo lado de baixo, depara-se-lhe o Purús, na grandeza majestosa de sua corrente, contribuindo com o Solimões; Anamã a 54 kms. de distancia, como um dos seus melhores emporios, e Anory a montante dessa povoação. De sorte que a villa quasi se póde dizer occupa o centro, á margem do rio, com vias de communicação fluvial para todos os pontos, através dos quaes os productos de sua flora opulenta e os artigos manufacturados ou semi-manufacturados encontram facil sahida.

O pescador, o agricultor, o criador, o lenhador, o tirador de madeira, o extractor de materia prima, o seringueiro, o castanheiro, o negociante, o artista têm nos canaes, nos lagos, nos igarapés, nos rios vias de communicação que lhes tornam accessivel em todo tempo, sem grandes sacrificios ou mortificações, o itinerario para a villa e da villa para outros pontos do interior, ou para a capital.

Podemos dizer que o homem do Amazonas conhece apenas as margens dos rios. A matta, a floresta humida continúa desconhecida, a não ser num raio de alguns ki-

lometros, em que elle andou divagando na exploração dos seringaes, que foram por muito tempo o seu vellocino de ouro.

Codajás, não obstante grande parte de seu territorio achar-se ainda ignorado, possue reservas inexhauriveis de energia, productoras de riqueza. Estes recursos estão na sua imponente flora, nas especies vegetaes que alli crescem e offerecem ao homem recompensas magnificas ao seu esforço realizador; estão nos animaes que lhe percorrem as terras, nas aves e passaros que cortam o céu; na variadissima fauna, que lhe povôa os rios e bacias lacustres; nos pomos que pendem das arvores; nos prados, onde não falta alimento sylvestre para o gado; nas propriedades de suas terras para a lavoura — o algodão, o cacau, a canna de assucar, o milho, etc.

Todos estes factores, toda esta riqueza secular, que a natureza foi ahi accumulando, acenam um futuro radioso de prosperidade e de grandeza para gloria do Municipio e do Amazonas.

INDICE

TITULOS	PAGINAS
I—Superficie-Limites	3—5
II—Esboço historico	5—8
III—Divisão em Districtos.	8—9
IV—A Villa de Codajás	9—10
V—Povoados	10—15
VI—Rios, Paranás e Igarapés.	15—16
VII—Lagos	16—18
VIII—Ilhas.	18—19
IX—Producção, Industria e Commercio . . .	19—20
X—Reino vegetal.	20—23
XI—Fauna	24—28
XII—Clima e salubridade	28—29
XIII—População	29—30
XIV—Religião.	30—31
XV—Instrucção	31—
XVI—Vias de communicação, Possibilidades economicas	32—33

TYPOGRAPHIA PHENIX

DE

SERGIO CARDOSO

Joaquim Sarmento, 12

MANÁOS-BRASIL

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM